

A morte na fila de espera

Dois anos depois da morte do marido, a dona-de-casa Olindina Fernandes briga por Justiça. O pintor de paredes Milton Carlos Fernandes morreu aos 58 anos, na fila de espera por transplante. Doente renal crônico, ficou seis dias sem tratamento de hemodiálise e teve um derrame cerebral em junho de 2004. Em uma casa simples no Recanto das Emas, a família tenta retomar a vida. Dona Olindina, que acompanhou a luta do marido, reuniu documentos, prontuários e exames para questionar na Justiça a falta de amparo do Estado.

Milton Carlos fazia tratamento em uma clínica particular, mas foi transferido para o Hospital de Base porque sua saúde inspirava cuidados. Três vezes por semana, dona Olindina acompanhava o pintor até o Plano Piloto. Em uma quinta-feira, os médicos mandaram Milton de volta para casa. Disseram que a fistula (espécie de cateter) implantada no braço do paciente para fazer hemodiálise não estava funcionando. "Naquele dia ele já estava acima do peso e com a pressão alta. Precisava dialisar com urgência. Quando voltamos para casa, ele já começou a passar mal", lembra dona Olindina.

Na mesma noite, depois de uma crise de hipertensão, Milton Carlos voltou ao Hospital de Base. Foi internado inconsciente, mas não fez hemodiálise. Depois de seis dias sem tratamento, o corpo do pintor não suportou o nível de toxinas e Milton faleceu. "Ele podia ter

recebido um novo rim, ou pelo menos ter feito as sessões de hemodiálise. Se não tivessem mandado ele para casa sem o tratamento, talvez tivesse sobrevivido. Ele sonhava em receber um novo rim e ter uma vida normal", conta a viúva.

Sem o auxílio-doença que o marido recebia, dona Olindina depende agora da ajuda dos três filhos. "Graças a Deus ele deixou a nossa casa paga. Além de perder meu esposo cedo demais, ainda tenho que me virar para sobreviver", diz ela. A

Associação dos Renais de Brasília encaminhou as informações sobre o caso ao Ministério Público, que analisa as providências cabíveis.

Os problemas que culminaram com a morte de Milton Carlos aconteceram no auge da crise no programa de transplantes

renais da Secretaria de Saúde. Em 2004, foram realizados apenas 19 transplantes renais, o menor número nos últimos 15 anos. Desde então, a situação já melhorou. O secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, quer investir para aumentar as máquinas de hemodiálise no serviço público de saúde e reduzir a dependência em relação às clínicas privadas, que receberam cerca de R\$ 10,3 milhões no ano passado. Uma nova unidade será instalada no Hospital Regional de Taguatinga e terá 24 máquinas, com capacidade para atender 96 pacientes renais crônicos. O governo vai comprar 15 novos equipamentos.

LEIA MAIS SOBRE
TRANSPLANTES NA

PÁGINA 24